

CAPÍTULO 2

CARACTERIZAÇÃO DA ILHA E SUAS TIPOLOGIAS HABITACIONAIS

2. - CARACTERIZAÇÃO DA ILHA E SUAS TIPOLOGIAS HABITACIONAIS

2.1. – DESCRIÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DA ILHA

2.2. – CARACTERIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DAS POVOAÇÕES

2.3. – CARACTERIZAÇÃO DOS EDIFÍCIOS, SUA OCUPAÇÃO E TIPOLOGIA

2.4. – CARACTERIZAÇÃO DOS EDIFÍCIOS TRADICIONAIS

2.1. - DESCRIÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DA ILHA

A Ilha do Pico integra o arquipélago dos Açores, que é constituído por nove ilhas, distribuídas entre as latitudes 36° 55' e 39° 43'N e as longitudes 24° 46' e 31° 16'W.

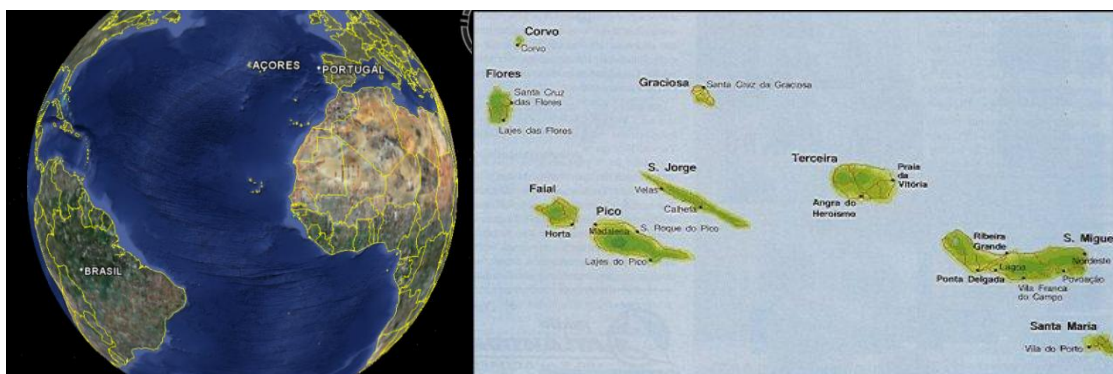


Fig. 2.1.1. - Localização/Constituição do arquipélago dos Açores. [1] [2]

A Ilha do Pico tem uma área total de aproximadamente 448 km², apresentando um comprimento máximo de 50 km, uma largura máxima de 16 km e uma altitude máxima de 2351 metros. Única no contexto actual do arquipélago devido à sua majestosa e emblemática montanha situada no lado ocidental da ilha, deve a sua forma à sua origem vulcânica, sendo a sua morfologia resultado das variadas erupções ocorridas ao longo dos tempos, das quais ainda são visíveis muitos cones, entre os quais o que mais se destaca seja forçosamente o da montanha do Pico.



Fig. 2.1.2. – Mapa da Ilha do Pico e foto da montanha do Pico. [3]

Desde o povoamento da ilha, que ocorreu em meados do século XV há a assinalar as erupções subterrâneas de 1962/64 na Prainha do Norte, de 1718 em Santa Luzia e São João e de 1720 na Silveira.

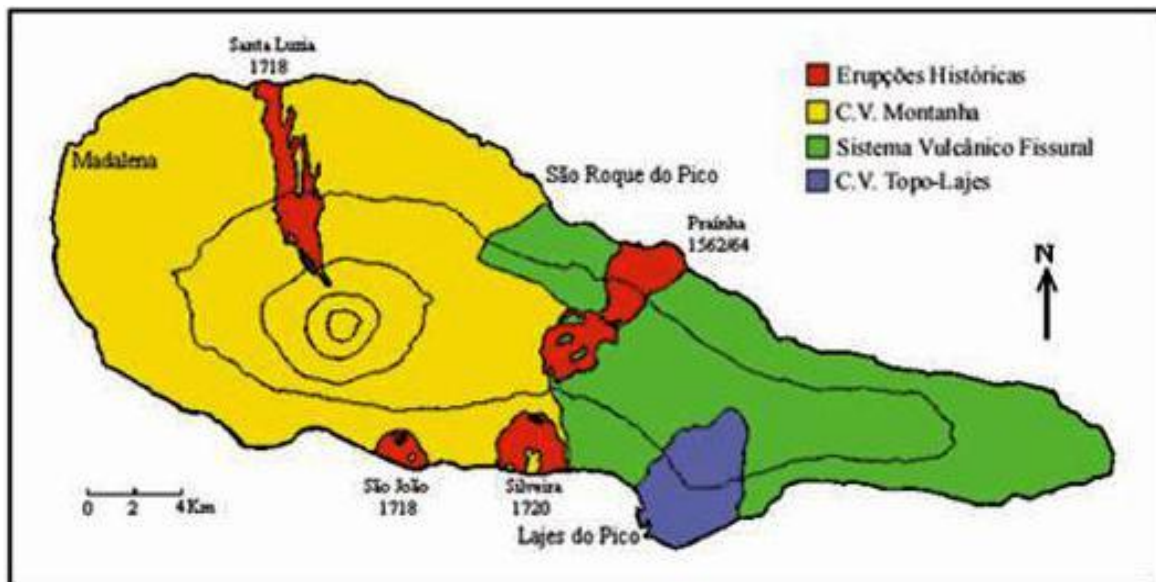


Fig. 2.1.3. – Localização das erupções vulcânicas na Ilha do Pico [4]

Do ponto de vista geotectónico, e assim como toda a região dos Açores, a Ilha do Pico localiza-se nas proximidades do chamado “ponto triplo”, que corresponde à zona de confluência de três placas litosféricas, a Eurasiática, a Americana e a Africana, isto faz com que seja uma zona de marcada actividade sísmica, havendo registo de variada actividade sísmica ao longo dos anos, da qual se destaca pela sua proximidade temporal, o sismo de 9 de Julho de 1998.



Fig. 2.1.4. – Danos em habitações na Ilha do Pico, resultantes do sismo de 9 de Julho de 1998. [5]

A realidade é que a actividade sísmica e vulcânica ocorrida ao longo dos anos, foi factor determinante na tipologia e parque habitacional da ilha, pois traduziu-se numa renovação das habitações e sua tipologia após a ocorrência de um sismo ou erupção que as tenha destruído. Exemplo disso é o ocorrido após o sismo de 9 de Julho de 1998, que destruiu 70 por cento das moradias da Ilha do Faial, e 20 por cento das moradias da Ilha do Pico, o que tornou necessária uma renovação substancial do parque habitacional dessas duas ilhas, em cuja reconstrução foram investidos cerca de 250 milhões de euros.



Fig. 2.1.5. – Reconstrução no Lugar do Valverde, Madalena.

Na Ilha do Pico, o lugar mais afectado pelo sismo foi o lugar do Valverde, onde a maioria das habitações foi reconstruída, dando inclusive lugar a um novo bairro, construído durante a reabilitação. Esta situação não foi, no entanto, pensada de modo a enquadrar estes novos bairros com a envolvente, nem a dotar os mesmos de arquitecturas representativas da arquitectura tradicional da ilha, tornando-se deste modo completamente desadequados, do ponto de vista urbanístico, na realidade da Ilha do Pico.

O processo de reconstrução contemplou também, para além de moradias, a reconstrução da rede viária e dos sistemas de abastecimento de água, energia eléctrica e telecomunicações.

A Ilha do Pico apresenta uma fraca densidade populacional, possuindo uma população residente de aproximadamente 15500 habitantes divididos por 3 concelhos. As erupções e os sismos traduziram-se também numa significativa redução dos habitantes da ilha, que emigravam após a ocorrência de catástrofes, principalmente para a América do Norte.

O povoamento da ilha iniciou-se cerca de 1460, com naturais do norte de Portugal, sendo a as Lajes a sua primeira Vila, à qual se seguiu São Roque em 1552 e só mais tarde, em 1723 a Madalena.

Trata-se da ilha dos Açores que possui a maior quantidade de endemismos e variedade vegetal, sendo apelidada por muitos por “autêntico museu botânico”. Grande parte da Ilha encontra-se ainda coberta de vegetação, sendo as faias, os incensos e as urzes, os principais colonizadores desses espaços, no entanto, e no que respeita a madeira com aplicação na construção tradicional, a par do incenso e da faia, surgem as acácias e a criptoméria.

Do ponto de vista geológico, o basalto é a pedra mais abundante e a única com aplicação na construção tradicional. O chamado “bagaço” ou “bagacina” (resultante das erupções vulcânicas), em função das dimensões dos inertes, é também usado como material de construção, no entanto, só mais recentemente, foi utilizado como inerte, no fabrico de blocos de cimento.

O seu clima é temperado oceânico, com temperaturas amenas que variam normalmente entre as mínimas de 14 graus no Inverno e as máximas de 24 graus no Verão, sendo no entanto, e em comparação com as restantes ilhas dos Açores, possuidora de um clima mais seco, o que desde cedo da sua colonização, se revelou como aliado à produção vitivinícola, donde no século XVIII, já se exportava vinho verde em grandes quantidades para a corte Russa. A produção de vinho condicionou desde cedo a distribuição geográfica das povoações e sua tipologia, e passados muitos anos do seu início, ainda o continua a fazer, uma vez que após ter sido considerada como património da UNESCO em 2004, a construção em zonas de produção de vinha, e zonas próximas dessas, foi intensamente regulamentada e condicionada.



Fig. 2.1.6. – Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico. [6]

Para além da vinha, anteriormente referida, a pesca e a criação de gado, são outras das principais actividades, tendo inclusive o sector das pescas sido muito importante a partir do século XVIII com a caça ao cachalote a ter o seu início, e a ser durante anos, uma das maiores fontes de riqueza para a ilha. A caça ao cachalote não deixou de influenciar a ilha, com a sua proibição, sendo os botes, fábricas e história, aproveitados a nível turístico, e apresentando-se actualmente como um dos maiores atractivos à sua visita.



Fig. 2.1.7. – Cachalotes capturados a serem preparados. [7]

2.2. - CARACTERIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO DAS POVOAÇÕES

Devido à necessidade de comunicação marítima com as restantes ilhas, a ocupação do território processou-se, inicialmente, pela formação de pequenos núcleos habitacionais na linha da costa, aos quais se seguiram outras fixações sublitorais.

A dependência das comunicações marítimas tornou-se mais evidente com o proliferar da produção vitivinícola, cujo produto final era exportado via marítima, o que contribuiu para o desenvolvimento das povoações costeiras possuidoras de portos com maior navegabilidade, como foi o caso da Madalena, instituída sede de concelho em 1723 “por ser bom porto e estar fronteiro da ilha do Faial” [8]. Com o tempo, estabeleceram-se ligações terrestres melhores entre os núcleos da ilha, iniciadas a partir da Madalena, devido a ser o principal porto de ligação à Ilha do Faial.

As edificações surgiram preferencialmente ao longo dos caminhos, o que originou “cordões” predominantemente paralelos à linha costeira, embora também os haja oblíquos e perpendiculares a esta. Este costume de construir casas “enfileiradas” umas às outras ainda está presente sendo a estrutura linear predominante nas freguesias.

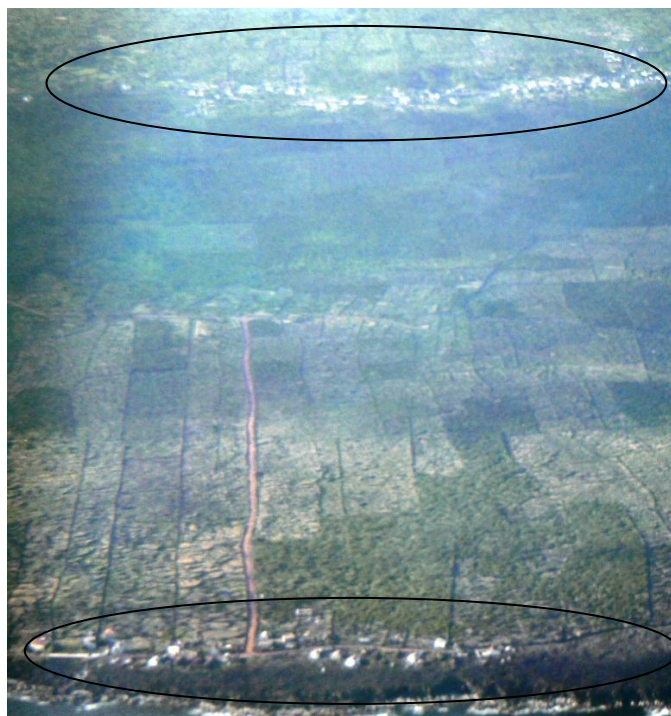


Fig. 2.2.1. – Em baixo, o lugar dos Arcos, na linha da costa, e em cima, a freguesia de Santa Luzia mais no interior. [8]

Em relação às sedes de concelho, só a Vila das Lajes apresenta aquilo a que se poderia chamar um traçado urbano, composto por uma via principal que atravessa a vila, unindo-a através de dois largos, e por várias transversais que a ligam à sua única paralela, que passa pelo porto e segue junto ao mar. Em relação a São Roque e à Madalena, as suas ruas organizaram-se segundo linhas rectas, que constituem uma malha ortogonal.

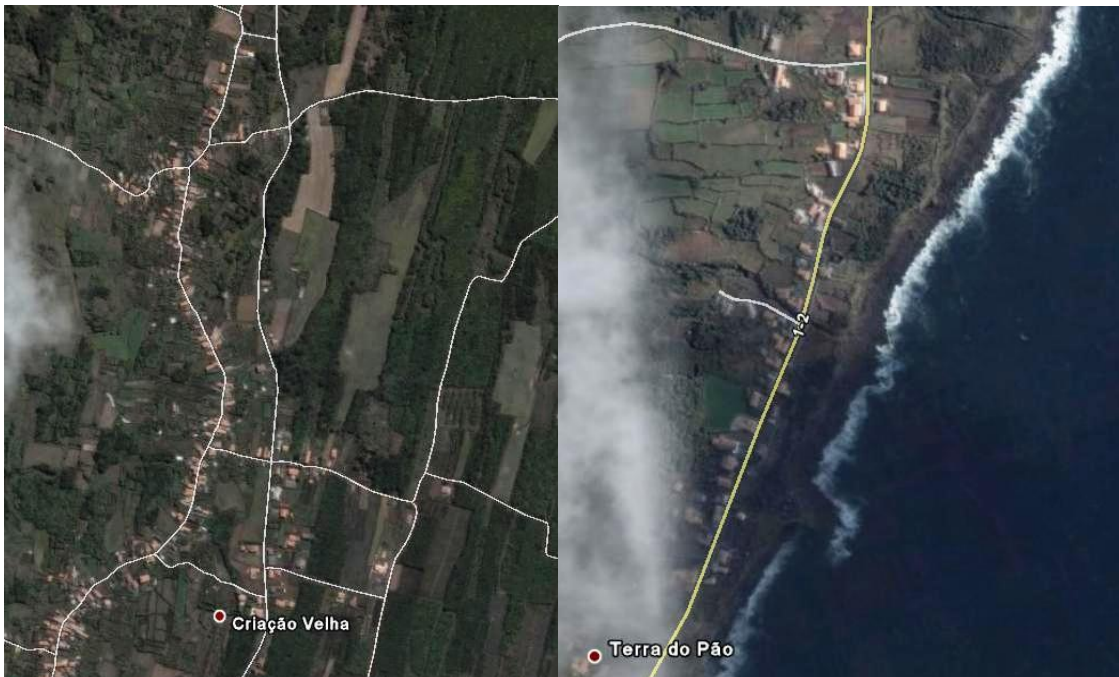


Fig. 2.2.2. – À esquerda freguesia de Criação Velha - estrutura linear perpendicular à costa, à direita lugar de Terra do Pão – “cordão” paralelo à costa. [1]



Fig. 2.2.3. – Vila das Lajes do Pico. [9]

2.3. - CARACTERIZAÇÃO DOS EDIFÍCIOS, SUA OCUPAÇÃO E TIPOLOGIA

O primeiro material a ser utilizado na construção de habitação permanente foi a pedra, mais concretamente o basalto, fruto da sua abundância por toda a ilha. Os edifícios eram construídos por alvenarias de pedra, independentemente das suas dimensões, sendo a estrutura da cobertura em madeira e a cobertura em telha tipo “canudo” de barro. Os edifícios eram predominantemente de um ou dois pisos, havendo no entanto em alguns centros mais urbanos, edifícios de três pisos, sendo a divisão entre pisos feita por um soalho e vigas de madeira. As portas e janelas eram em madeira, sendo as janelas do tipo “guilhotina”.

A frequência dos abalos sísmicos e o seu impacto sobre as frágeis alvenarias de pedra, levaram a alterações na construção, de modo a torná-las mais resistentes, tendo sido introduzidas ao longo dos tempos variadas alterações e reforços das frágeis alvenarias de pedra, até que foram sendo substituídas progressivamente por alvenarias de blocos de cimento.

As coberturas começaram a ser na maioria dos casos, de telha cerâmica tipo “lusa”, sendo as divisões entre pisos em lajes aligeiradas ou maciças, sendo estas últimas as mais frequentemente adoptadas.

Esta sequência de acontecimentos e processos levou à existência de uma enorme variedade de tipologias construtivas ao longo da ilha.

Os autores Aníbal, Oliveira e Sousa [10] fazem uma caracterização do parque habitacional da Ilha do Pico, baseada nos dados da Secretaria da Habitação e Equipamento, a partir dos quais estabelecem para a Ilha do Pico uma classificação das construções existentes, em função do seu tipo construtivo. Foram definidos quatro sistemas construtivos fundamentais:

- construção corrente (CC),
- construção mista (CM),
- construção tradicional (CT) e
- construção alterada (CTA).

Dentro da construção mista foram criados três subsistemas, construção mista 1 (CM1), construção mista 2 (CM2) e construção mista 3 (CM3).

Tab. 2.3.1. – Tipos de sistemas construtivos. [10]

Tipo Construtivo	Elementos		Estrutura da Cobertura
	Resistentes Verticais	Pavimento	
CC	Betão armado	Betão armado	Betão armado ou madeira
CM1	Alvenaria de pedra	Betão armado	Madeira
CM2	Alvenaria de pedra + Pilares e vigas em Betão armado	Madeira e laje de betão armado na ampliação	Madeira
CM3	Pilares e vigas em Betão armado	Betão armado	Betão armado ou madeira
CT	Alvenaria de pedra	Madeira	Madeira
CTA	Alvenaria de pedra	Cozinha e/ou Wc em betão armado	Madeira

Construção tradicional será aquela mais antiga da ilha, cujas características serão descritas mais em pormenor ao longo deste trabalho.

A construção tradicional alterada difere da construção tradicional pela substituição do pavimento original de soalho e vigas de suporte em madeira por uma laje de betão armado, exclusivamente no Wc e/ou na cozinha.

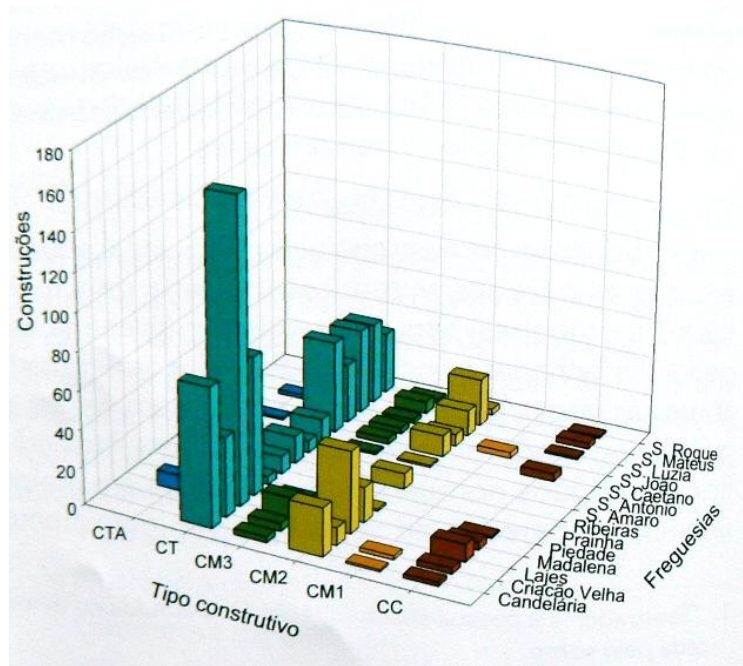
A construção mista 1 contempla a substituição do soalho e vigas de madeira por uma laje de betão armado, apoiada na alvenaria de pedra do edifício.

Na construção mista 2 são conservadas a cobertura, pavimento e paredes, no entanto o edifício é sujeito a uma ampliação, sendo a estrutura resistente da área ampliada constituída por vigas e pilares de laje de betão armado.

A construção mista 3 é aquela que apresenta um maior grau de intervenção, uma vez que da construção original são apenas conservados os elementos estruturais da cobertura, sendo o pavimento em laje de betão armado, apoiado em pilares e vigas, e as alvenarias de blocos de cimento.

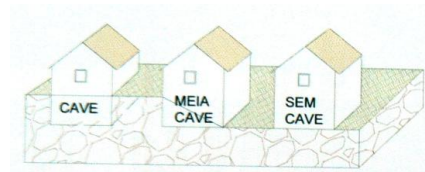
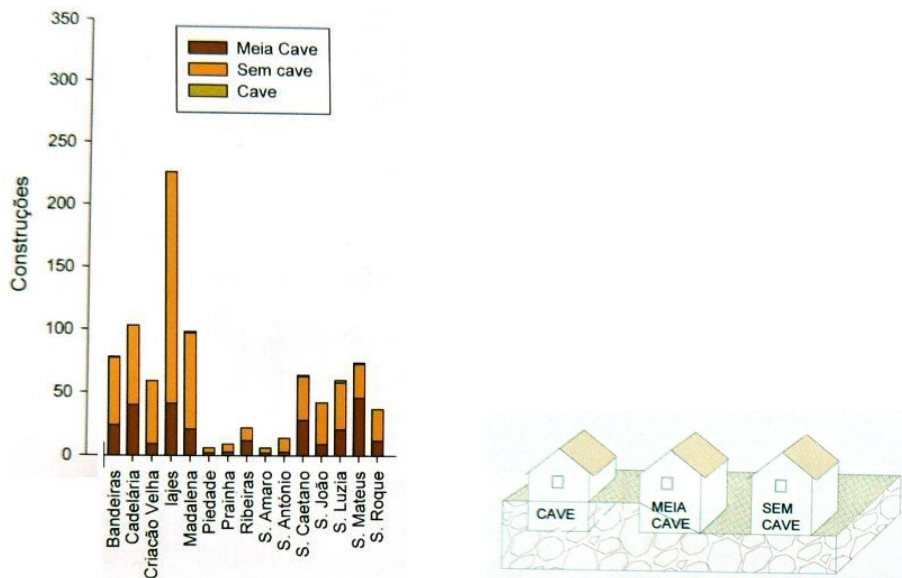
A construção corrente é a construção mais actual e moderna, sendo a estrutura resistente em betão armado, as alvenarias de blocos de cimento, e a estrutura da cobertura em betão armado ou madeira.

Gráf. 2.3.1. – Tipos de construção por freguesia na Ilha do Pico. [10]

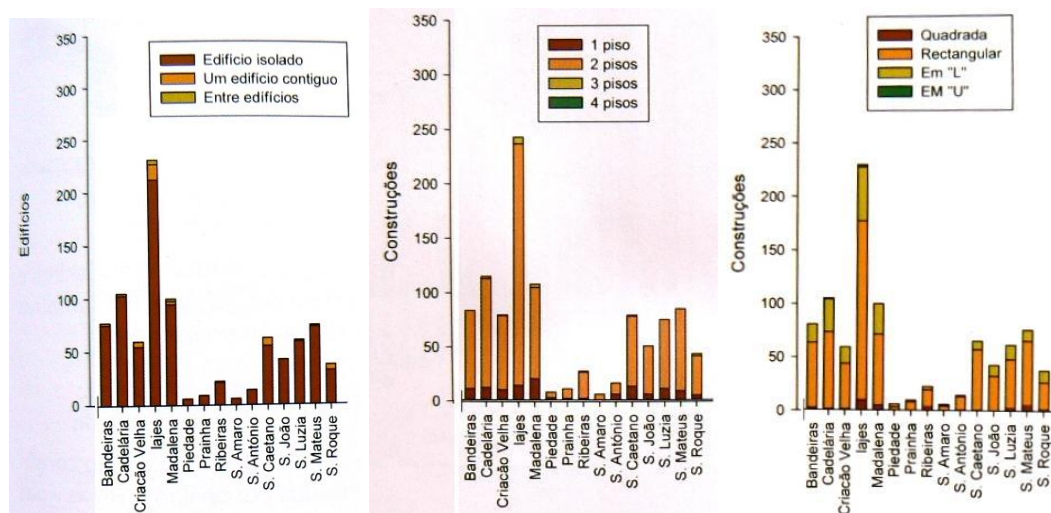


Foi também feita uma distinção entre edifícios em função da existência ou não de cave, da geometria do edifício (planta e número de pisos), e da existência de edifícios contíguos.

Gráf. 2.3.2. – Tipos de cave por freguesia na Ilha do Pico. [10]



Gráf. 2.3.3. – Caracterização do tipo de construção em função de: esquerda – existência de edifícios contíguos, meio – número de pisos, direita – forma do edifício. [10]



Da análise dos dados apresentados pode-se concluir que, em relação ao sistema construtivo, a construção tradicional (CT) é o mais comum, contabilizando de 60 a 70% do total de edifícios da ilha, que a inexistência de cave é a situação mais comum, que os edifícios apresentam-se preferencialmente isolados, sendo na sua maioria de 2 pisos e de forma rectangular.

De referir que a análise apresentada foi feita a partir de uma amostra reduzida, o que se poderá traduzir na sua não total representatividade em relação à realidade global do edificado na ilha, que por sua vez também, após o sismo de 1998 sofreu grande remodelação e construção nova, contribuindo também este facto para alguma desactualização dos números apresentados.

De acordo com o Censos de 2001, existem na ilha do Pico 7547 edifícios, a sua maioria de construção posterior a 1971, sendo quase na sua totalidade de um alojamento, e sendo preferencialmente do tipo residencial.

Tab. 2.3.2. – Caracterização do parque habitacional da ilha do Pico. [11]

Parâmetro		Nº Edifícios	Percentagem
Epoca de Construção	Anterior a 1919	898	11,90 %
	1919 a 1945	740	9,81 %
	1946 a 1970	908	12,03 %
	1971 a 1990	2730	36,17 %
	1991 a 2001	2271	30,09 %
Número de Alojamentos	1	7469	98,97 %
	2 a 6	78	1,03 %
Utilização do Edifício	Exclusivamente Residencial	7244	95,99 %
	Principalmente Residencial	295	3,91 %
	Principalmente não Residencial	8	0,11 %

2.4. - CARACTERIZAÇÃO DOS EDIFÍCIOS TRADICIONAIS

A construção tradicional nos Açores e, de um modo particular na Ilha do Pico, tem como princípio a simplicidade e aproveitamento dos recursos naturais, nomeadamente a pedra para as alvenarias e a madeira para as coberturas e soalhos.

De um modo geral, as paredes exteriores são realizadas em alvenaria de pedra, fachada principal, tardo e empenas são construídos em pedra de forma à alvenaria por si só funcionar como elemento resistente. A espessura das paredes varia entre 65 aos 70 cm sendo as mais usuais as paredes com 66 cm de espessura. A sua constituição (disposição das pedras) é variável, muito em função da capacidade económica dos seus proprietários e da localização dos edifícios, havendo quatro tipologias características distintas, sendo o mais comum o de dois panos sem ligação entre si, com o preenchimento interior feito através de pedra miúda, podendo levar ou não, como ligante, uma mistura de barro e cal.

Actualmente ainda são visíveis em muitos edifícios algumas características específicas da construção em pedra, nomeadamente pela introdução de algumas pedras fundamentais por conferir resistência e estabilidade não só às paredes, de uma forma particular, como também ao edifício como um todo. As fachadas principais e de tardo apresentam aberturas para janelas e portas, delimitadas nos vãos por vergas e ombreiras e nos cantos do edifício por cunhais.

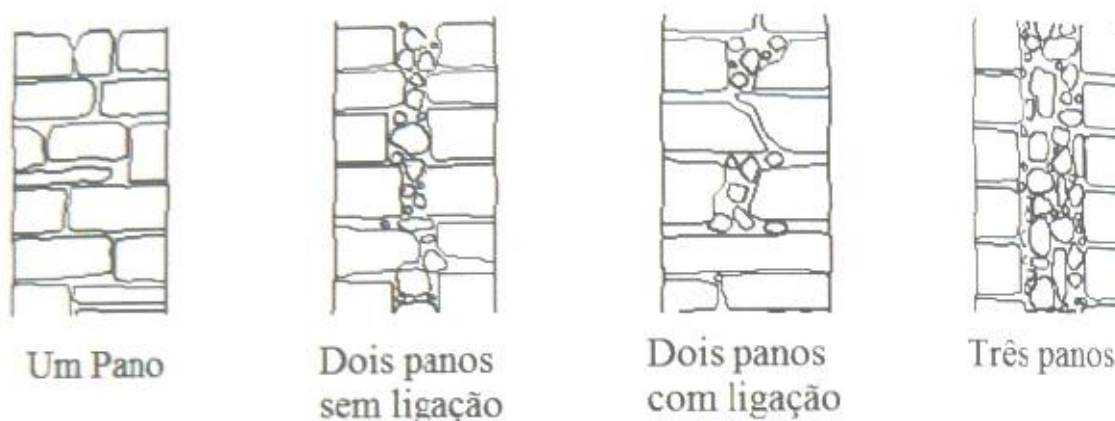


Fig. 2.4.1. – Tipologias de paredes de alvenaria de pedra. [10]

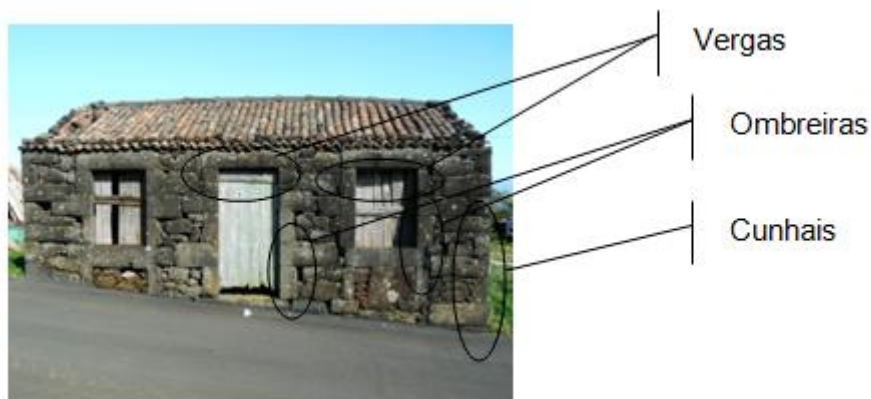


Fig. 2.4.2. – Elementos característicos de alvenaria de pedra na Ilha do Pico.

Em relação ao revestimento da alvenaria exterior, este pode não existir, como apresentado em cima (Fig. 2.4.2.), ou existir total ou parcialmente, sendo normalmente de pequena espessura (não excedendo os 2 cm), e de composição variada, contemplando normalmente uma camada de regularização composta de barro, cal e areia, e uma camada superficial de cal e areia. Em alguns casos mais recentes é utilizado cimento nestas misturas.



Fig. 2.4.3. – À esquerda – revestimento parcial da alvenaria, à direita – revestimento total da alvenaria

As paredes interiores apresentam espessuras nunca superiores aos 10 cm, tendo por estrutura uma malha de prumos de madeira, dispostos verticalmente, e sobre os quais pregadas fasquias (ripas) de madeira de ambos os lados, colocadas de forma a ficarem com uma junta visível entre si, de modo a aumentar a aderência da camada de reboco, constituída por uma mistura de cal, areia e barro, havendo também, em algumas mais recentes, a inclusão de cimento. De modo a aumentar a viscosidade e resistência do reboco era frequentemente adicionado “cabelo humano”, ou pelo de vaca.

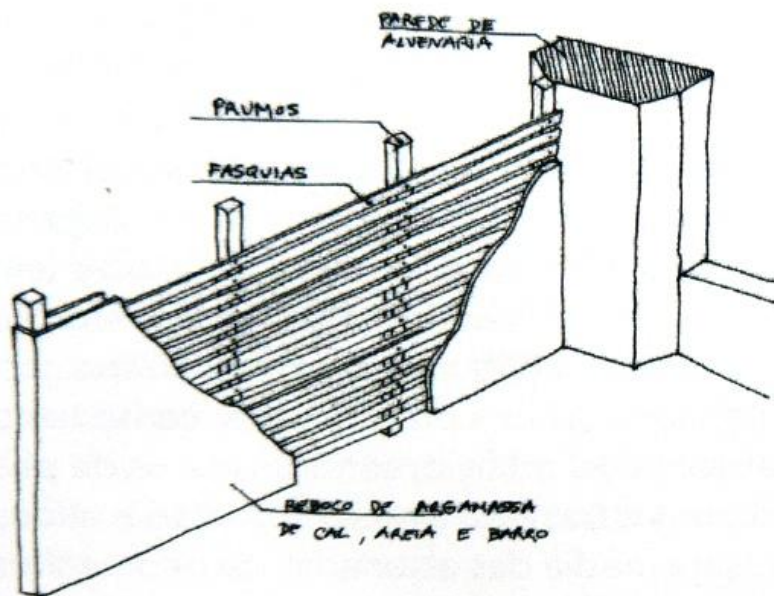


Fig. 2.4.4. – Pormenor de divisórias interiores. [10]

A divisória entre pisos é feita por um soalho e vigas de madeira, encastradas directamente nas paredes ou assentes sobre fechais, também eles de madeira, embutidos na parede.

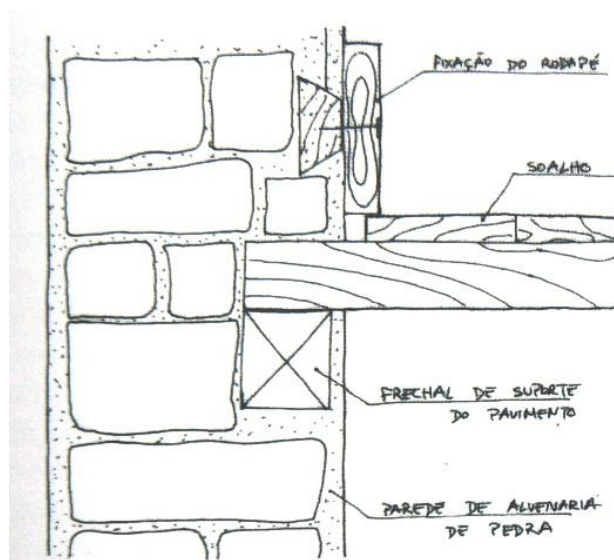


Fig. 2.4.5. – Pormenor do pavimento de ligação entre pisos. [10]

A cobertura é geralmente de duas águas, havendo também principalmente nos edifícios de maior dimensão, estruturas de quatro águas, sendo a sua estrutura em madeira, sobre a qual assentam telhas do tipo “canudo”, que podem ou não ser argamassadas, sendo, que nos casos em que não são argamassadas, são colocadas

pedras, distribuídas ao longo da cumeeira e das pingadeiras, de modo a que as telhas não se desloquem com o vento.



Fig. 2.4.6. – Cobertura com pedras para fixação das telhas.

A estrutura da cobertura é de madeira, sendo os tipos de madeira mais utilizados o incenso, a faia, a acácia e a criptoméria, podendo a sua estrutura estar ou não visível, dependendo do tipo de utilização a que era dada a habitação e, principalmente, do poder económico dos seus moradores. Existem várias variantes estruturais, com asnas diversas, havendo variações em relação à utilização ou ausência, de madres, escoras e penhorais. Sobre a estrutura eram pregadas tábuas de madeira de aproximadamente 1 cm de espessura, havendo variantes em que são deixadas juntas de arejamento entre elas, e outras, em que são parcialmente sobrepostas.

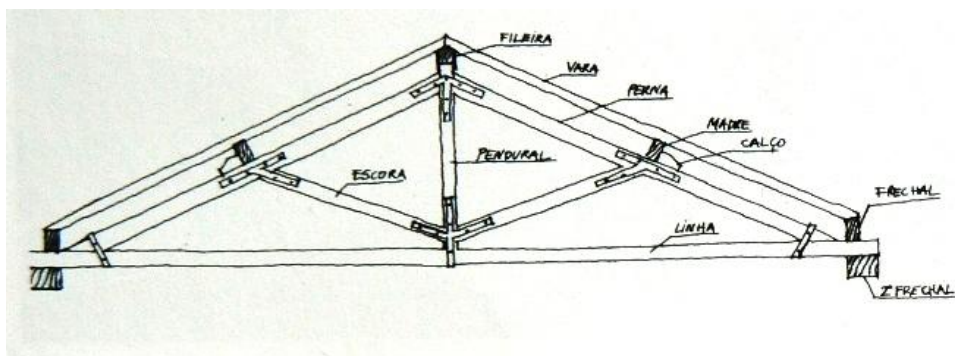


Fig. 2.4.7. – Pormenor de um tipo de asna utilizado. [10]

As portas e as janelas são de madeira, sendo a acácia e a criptoméria as mais utilizadas. As portas apresentam espessuras de aproximadamente 3 cm, sendo normalmente pintadas de cor verde. As janelas são de guilhotina, de vidro simples.



Fig. 2.4.8. – À esquerda – janela tradicional em madeira, à direita – porta tradicional.



Fig. 2.4.9. – Tipologia habitacional característica, com dois balcões de acesso separado.





Em relação à forma/arquitetura das habitações esta é variada e influenciada pela localização (rural ou urbana), actividade dos seus habitantes (agricultura, pesca...) e

nível económico, sendo de uma forma geral uma arquitectura marcada por um conjunto de elementos característicos, nomeadamente, os balcões, a cisterna, a loja e os fornos. As habitações têm por norma dois pisos, tendo dois acessos exteriores ao segundo piso separados, um para a cozinha e outro para o corpo dos quartos, sendo esse acesso feito através de balcões.






Apesar da pequena dimensão da ilha, a dispersão espacial das povoações traduziu-se num relativo isolamento entre elas, o que resultou numa enorme variedade de disposições/arranjos arquitectónicos e de natureza funcional, que se traduzem na existência de várias tipologias arquitectónicas características, e que todas elas, à sua maneira, representam uma actividade, estrato social, localização e utilização característica da Ilha do Pico.



CASAS DE PLANTA COMPLEXA







-  Cozinha perpendicular, formando um "L". Loja térrea no corpo dos quartos, dois balcões.
-  Grandes dimensões. Cozinha perpendicular em "L". Loja térrea no corpo dos quartos, dois balcões.
-  De expressão proto-urbana. Cozinha perpendicular e lojas no piso térreo.
-  Casa ou prédio urbano, dois ou três pisos com gateira ou torre.

CASAS DE INFLUÊNCIA ERUDITA

-  Casa solarenga com janelas de peito de aventais em bico.
-  Casa rural ou urbana com faixas de pedra à vista e varanda de madeira.
-  Grande casa de influência neoclássica.
-  Casa de influência americana em que a madeira predomina.
-  Casa de características tardo-eclecticas.

CASAS ELEMENTARES

COM COZINHA DISSOCIADA

-  Cozinha separada. Corpo dos quartos com loja por baixo.
-  Cozinha ligada por "meia-água".
-  Cozinha encostada, sem posição definida. Geralmente com ligação interna.
-  Cozinha perpendicular, formando um "L". Com ligação interna.
-  Cozinha perpendicular, formando um "T". Ligação interna.
-  Cozinha e um quarto encostados na perpendicular, formando um "TT".

LINEARES




-  Cozinha no extremo da casa. Geralmente com dois pisos e dois balcões.
-  Cozinha no extremo da casa, com cobertura sobrelevada de águas paralelas.
-  Cozinha no extremo da casa, com cobertura sobrelevada de águas perpendiculares.

Fig. 2.4.10. – Tipologias habitacionais na Ilha do Pico em função da freguesia. [8]